**Nas páginas da vida: tessituras reflexivas de uma professora alfabetizadora que interroga o processo de alfabetização.**

Flávia Gomes Moura[[1]](#footnote-1)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP

Este texto traz as aproximações teórico-metodológicas iniciais de uma pesquisa de mestrado em realização numa universidade estadual do leste fluminense. Compartilhamos uma escrita que abraça o tempo - *tempocriança*, *tempoexperiência*, *tempoalfabetização* - para desbravar interrogações que dialogam com a memória de uma professora que se constrói e reconstrói em relação aos itinerários da vida-formação.

Metodologicamente associamo-nos a *pesquisaformação* (Bragança, 2022), por desenvolvermos uma investigação olhando para a formação em seus múltiplos cruzamentos, encontrando fundamentação no contexto *epistemopolítico* da pesquisa(auto)biográfica em educação (Passeggi, 2010).

Conjugando o objetivo de anunciar mobilizações reflexivas com o processo de alfabetização construídas no cotidiano escolar, com a indagação que nos move: Como tem sido forjado o processo de alfabetização no espaço escolar? Apresentamos as escritas levantadas dessa aproximação, enlaçadas na primeira e terceira pessoa por entendermos que a pesquisa (auto)biográfica parte das complexas relações individuais de cada sujeito tomado em suas inscrições de vida no entorno histórico, social, cultural e político.

Lembranças do vermelho nas práticas de alfabetização, a cor da caneta da professora que marcava bem grande, a minha dificuldade. Mesmo eu caprichando, pois gostava de desenhar, pintar, tinha uma boa caligrafia, nada impedia o vermelho de aparecer nas minhas atividades, a prova de leitura realizada pela coordenadora da escola me levando a repetir a alfabetização, minha mãe apagando as páginas dos livros que eu iria reutilizar para economizar, meus amigos de sala passando de série e eu repetindo, a vergonha de contar para os familiares.

Essas são algumas das lembranças da professora alfabetizadora, autora deste texto, com escola. Em contrapartida, outras memórias, repletas de boas lembranças relacionadas ao contexto familiar se vislumbram no acesso à leitura e a cultura em geral. Lembranças da coleção de livros de contos de fadas e do quebra-cabeça ressoam a alegria do final de semana. A minha mãe me ajudando com a tarefa de casa, as vezes perdendo a paciência, mas demostrando muito carinho e atenção ao meu processo, incentivos estéticos para pintar as páginas das atividades, assim como ia me incentivando a colorir as páginas da vida.

 Temos aprendido nessas aproximações teórico-metodológicas iniciais da pesquisa, que o retorno sobre si por meio da reflexividade com as narrativas (auto)biográficas, busca tornar o sujeito consciente do seu poder e do querer sobre sua vida, efetuando mediações na consciência histórica das aprendizagens e promovendo inflexões enriquecedoras para cada sujeito no mundo da vida (Passeggi, 2010).

 Assim sendo, destacamos que o interesse pelo tema de pesquisa que aglutina a formação de professores e a alfabetização surgiu da prática diária forjada em uma escola pública do município de Niterói, onde a autora trabalha há 17 anos com crianças do primeiro ciclo. Neste *tempoexperiência,* encontramos muitos desafios para o processo de alfabetização e alguns deles, se aproximam da minha infância. Das dificuldades que vivi e trago bem intensas na memória.

A decisão de realizar o mestrado em Educação, me levou em memória, a trajetória pretérita vivida na escola. Lembro-me que não foi fácil, durante muitos anos e ainda hoje, trago alguns temores. Medos e inseguranças com a escrita e com o modo de expressar os meus pensamentos enquanto adulta, refletem a Flávia criança, truncando um modo autoral e ousado de se expressar. Durante a minha infância o ousar escrever foi inibido sob o argumento de impedir o erro. O erro não era visto como um processo para a aquisição do conhecimento. Como nos faz pensar Garcia (2001) impedir de errar tende a ser também evitar a aprendizagem.

 O medo de escrever, no *tempocriança,* perdurou durante muito tempo. Contudo sempre ouvia sobre a importância do professor registrar as suas práticas, escrever as suas vivencias, mas devido aos meus temores com a escrita e diante da correria do dia a dia, não conseguia historiar de maneira organizada sobre as minhas práticas. Com o retorno a universidade quero enfrentar e ressignificar as inseguranças e através da escrita, contar e organizar os saberes adquiridos com os meus pares. Como incentiva Nóvoa (2017), uma profissão precisa registrar o seu património, as suas vivências, as suas reflexões, pois só assim poderá ir acumulando conhecimento e renovando as práticas. Dessa forma defendemos a importância do registro desde a formação inicial.

Tomando esta trajetória pessoal-profissional, o presente trabalho justifica-se em anunciar (Freire, 1996) as práticas pedagógicas presentes na sala de aula de alfabetização, que muitas vezes não são divulgadas. Provocando questões e reflexões que contribuam para uma alfabetização de qualidade socialmente referenciada, justa cognitivamente aos alunos das classes populares, dialogando com temas relativos à formação continuada, as experiências da sala de aula e as práticas docentes no cotidiano escolar.

 Paulo Freire, Smolka, Nóvoa e Gatti são alguns dos autores que contribuem para a construção deste trabalho. Lembrando que o texto aqui apresentado é um recorte inicial no qual forjamos diálogos com a perspectiva teórico-metodológica para desbravar compreensões conceituais do campo da pesquisa.

 Acessando o *tempoalfabetização,* afirmamosque o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente da leitura, pois as os seres humanos fazem a experiência de ler o mundo antes de ler a palavra, como nos ensina Paulo Freire (1996). Cada criança chega à escola com um conhecimento da cultura escrita e hipóteses sobre como se lê e se escreve, de acordo com as suas vivências no meio sociocultural, à qual está inserida, portanto os educadores terão que atender a diversidade de conhecimentos e processos de aprendizagem dos alunos, retomando as concepções que a criança traz consigo acerca do que é e para que serve a escrita.

 Smolka (2012), chama nossa atenção para a linguagem como produção humana, histórica, cultural e como prática social da qual as crianças participam e se apropriam. Na perspectiva discursiva, o aluno vai alçando alternativas de escrita num processo de aproximação da escrita convencional. Ele vai arriscando modos de escrita para se fazer comunicar; com isso, vai testando suas elaborações sobre a língua em que ele está inserido.

Com Garcia (2001, p.39) aprendemos que “não é apenas a alfabetização que precisa ter sentido, qualquer aprendizagem só se dá de fato quando o sentido está presente”. Dessa forma, vemos a mobilização do sujeito na inteireza humana, conjugando multiplicidade de dimensões, tais como razão, sensação e sentimentos.

Sabemos que a educação em sentido mais amplo acontece em relação com o outro (Freire, 1996; Garcia, 2001; Smolka, 2012), não é um processo solitário, ele incide na relação entre adultos preparados com os mais novos, sendo o papel do professor é extremamente importante no processo de institucionalização das escolas como defende Gatti (2022).

 Conjugando o *tempocriança*, *tempoexperiência*, *tempoalfabetização* nos aproximamos da formação docente, dimensão importante no processo de alfabetização. Nóvoa (2022) explica que a formação inicial e continuada dos professores foi e continua sendo uma preocupação ausente ou secundária, pois, conforme o autor, “Ninguém se integra numa profissão sozinho, isoladamente. Ninguém constrói novas práticas pedagógicas sem se apoiar numa reflexão com os colegas. Ninguém, sozinho, domina completamente a profissão.” (Nóvoa, 2022, p.69)

 Nessa trajetória reflexiva reconheço a importância da literatura na minha formação como leitora, como em vários momentos da minha vida, eu tive acesso a suportes de leitura. Como nos ensina Smolka (2012), ao trabalhar mais profundamente a função do livro de história, precisamos tomar como importante elemento mediador no processo de aquisição da escrita. A possibilidade da criança ter familiaridade com os livros, agrega em suas descobertas e desenvolvimento, incentivando o aguçar da imaginação, a oralidade, as brincadeiras imaginárias e criativa.

Gostaria de terminar o texto com a citação do Galeano: “Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível, e os delírios, outra razão” (2002, p. 66).

Estas palavras muito mexeram comigo neste início de caminhada. Estou no início da escrita da minha dissertação e quantos são os medos e angústias que perpassam as ideias. Memórias do *tempocriança*, *tempoexperiência*, *tempoalfabetização* eclodem em cada palavra, em cada ideia.

 Nessas aproximações iniciais percebi que refletir sobre minhas vivencias é desafiador. No cotidiano escolar costumo pensar no dia a dia em que me encontro, a sala de aula. Mas escrever cientificamente, como será? Imagens retornam quando questiono o processo de alfabetização presente e pretérito – “Não fui ensinada a escrever as minhas vivências, as minhas memórias. Me falaram que eu tinha dificuldade, ainda escuto os ecos dessa afirmação, me gerando sempre muita insegurança”.

 Também faz parte do cotidiano como professora alfabetizadora, refletir, sobre minhas experiências que envolvem a vida, clarificando o cotidiano em que estou. Como educadora, estou sempre, nos movimentos de ensino e de reflexão sobre os meus fazeres, em uma ação que não separa a vida da docência. Como nos faz pensar Bragança (2022) a pesquisaformação se faz no caminho, no caminhar, no encontro e nas experiências.

 Mas eu início o texto citando Galeano. Superação de medos em coragem. Agora não apenas pensando a cor vermelha da caneta, mas ressignificando e produzindo levantes conceituais a partir do encontro com as memórias. Eu sou uma professora, que pensa, que age, que vive e que agora escreve, pois quero ser ouvida e entendida com legitimidade da palavra. Quero falar, quero historiar, quero pesquisar, quero escrever e narrar as experiências vividas na sala de aula, problematizando uma pesquisa viva e comprometida com a vida, que pulsa, que pensa e age, ouvindo com abertura as vozes e histórias sobre a profissão docente.

Busco a produção de um conhecimento que contribua com a formação de docentes alfabetizadores na acepção de Bragança (2022), que promova a construção de subjetividades inquietas, críticas, sensíveis e de um conhecimento emancipatório que alia concepções e práticas.

Concluímos, neste início da pesquisa, que as palavras ecoam e pulsam, fazendo ritmo, impulsionando novos outros passos da vida. Conforme destaca Bragança (2022) que sigamos reinventando maneiras de viver, pesquisar, narrar e formar nos cotidianos que vivemos. Assim seguimos.

Referências

 REIS, Graça Regina Franco da Silva; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patricia. Dicionário de Pesquisa Narrativa Rio de janeiro: Ayvu, 2022.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, E. O livro dos abraços. 9 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002.

GARCIA, Regina Leite (org.). Alfabetização dos alunos das Classes Populares. São Paulo: Cortez, 2001

GATTI, B. A. Duas décadas do século XXI: e a formação de professores? Revista Internacional de Formação de Professores, Itapetininga, v. 7, p. e022009, 2022.

NÓVOA, António. Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Cadernos de Pesquisa, v. 47, nº 166, out./dez. 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (orgs.) Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A Criança na Fase Inicial da Escrita: alfabetização como processo discursivo. 13ª ed. São Paulo, Cortez e Editora, 2012.

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 [↑](#footnote-ref-1)